

Roberto Cardoso de Oliveira

um professor exemplar
Cecília M. Vieira Helm

Como citar: HELM, C. M. V. Roberto Cardoso de Oliveira: um professor exemplar. *In:* RUBIM, C. R. (org.). **Iluminando a face escura da lua:** homenagem a Roberto Cardoso de Oliveira. Marília: Oficina Universitária; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2012. p. 29-38. DOI:

<https://doi.org/10.36311/2012.978-85-7983-242-0.p29-38>



All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a Creative Commons Attribution-NonCommercial-NoDerivatives 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia Creative Commons Reconocimiento-No comercial-Sin derivados 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

ROBERTO CARDOSO DE OLIVEIRA:
UM PROFESSOR EXEMPLAR

Cecília M. Vieira Helm

Estar nesta Universidade, para participar da *Jornada de Estudos Roberto Cardoso de Oliveira*, atendendo ao convite de Christina Rubim, para dar o meu depoimento, na qualidade de ex aluna do ilustre homenageado, Roberto Cardoso de Oliveira, meu caro professor e amigo, é uma satisfação enorme. Aprendi a admirar Roberto Cardoso de Oliveira, a absorver seus ensinamentos de mestre brilhante, pensador respeitado no Brasil e no exterior, intelectual dedicado integralmente à Ciência, notadamente à Antropologia Social. Com profunda emoção irei dar este depoimento. Muitos de seus ex alunos, colegas da academia, de sociedades científicas prestaram homenagens justas a Roberto Cardoso de Oliveira. Há livros produzidos para homenagear Roberto. Minha querida colega de curso Maria Stella de Amorim escreveu: Roberto Cardoso de Oliveira: um artífice da antropologia (2001).

Em meu depoimento, evoco as boas lembranças do período em que ingressei no Museu Nacional, para fazer o Curso de Especialização em Antropologia Cultural, de março de 1962 a fevereiro de 1963. Tratava-se de Curso de Pós-Graduação lato sensu, especialização, que antecedeu ao Mestrado, Pós Graduação stricto sensu implantado por Roberto Cardoso, alguns anos mais tarde, em 1968.

Chefiava a Divisão de antropologia do Museu Nacional da então Universidade do Brasil, o Professor Luiz de Castro Faria, recentemente falecido, a quem rendo uma especial homenagem.

Eram assistentes contratados Roberto Da Matta, Roque Laraia, Alcida Ramos, e estagiários Júlio Cezar Melati, Andréa Loyola e alunos da 3ª turma do curso: Sílvio Coelho dos Santos¹, Maria Stella de Amorim e eu. Foi um período marcante, de sacrifícios pessoais e de adaptação à cidade grande. Tinha de dar conta da vasta bibliografia do Curso, das leituras dos textos recomendados por Roberto para os seminários e suprir com leituras complementares as falhas do Curso de Ciências Sociais da UFPR, em que a sociologia não era tratada com seriedade. Li Florestan Fernandes e a produção dos professores da USP, a partir do Curso de Antropologia no Museu Nacional.

O Curso de Especialização que fiz com Roberto Cardoso me colocou em contato com os conceitos e teorias da Antropologia Social Clássica e Contemporânea, com sua notável contribuição à Teoria das Relações Interétnicas, quando formulou o conceito de Fricção Interétnica, que eu e muitos de seus alunos utilizamos em nossas pesquisas sobre as relações de contato, as relações de fricção que ocorrem entre índios e *brancos* inseridos na situação de contato. Com fundamento na contribuição teórica de Roberto elaborei meu projeto de pesquisa sobre os Kaingang, produzi duas teses, laudos periciais antropológicos e diversos trabalhos sobre essa sociedade. Mantenho contato com os Kaingang até a presente data, em renovadas visitas as suas aldeias, ou recebendo a visita deles em meu apartamento, em Curitiba, e durante a realização de laudos antropológicos sobre a disputa de terras que tem ocorrido no Paraná, em que madeireiros invadiram territórios indígenas e expulsaram os Kaingang das terras que tradicionalmente ocupavam.

Tive a oportunidade única de participar de pesquisa de campo entre os Tükúna do Alto Solimões de responsabilidade de RCO e estar entre os nativos da Amazônia; lançar um olhar sobre um sistema clânico em operação, entrevistar índios em suas malocas, andar de canoa pelos igarapés, sempre acompanhada pelo capitão Ponciano, belíssimo tükúna, a quem devemos preciosas informações, porque conhecia e sabia revelar com clareza

¹ Sílvio Coelho dos Santos faleceu na Cidade de Florianópolis, em 26.10.2008. Lutou pela vida como um guerreiro valente, contra a doença que o levou.

a organização de sua sociedade. Em seu livro, *O índio e o mundo dos brancos*, Roberto agradeceu ao capitão Ponciano a sua colaboração.

Participar da pesquisa sobre *áreas de fricção interétnica no Brasil*, na companhia de seu idealizador e estar entre os tükúna, foi uma experiência emocionante. Aprendi a utilizar a caderneta de campo para fazer anotações, registrar minhas observações em diário a cada final de tarde, ao regressar das visitas às casas dos tükúna. Contribuí para a elaboração do censo tükúna. Recebi orientação para olhar atentamente o interior das casas, observar objetos, as peças do elaborado artesanato tükúna; descrevi em diário o local reservado no interior da habitação, em que ficava reclusa a menina moça até ocorrer a *feira da moça nova*; ouvi atentamente os tükúna, e registrei em diário, cada nome dos clãs das metades *aves* e *plantas*, e os dados que poderiam contribuir para a elaboração do desenho gráfico da genealogia tükúna. Fazia inúmeras perguntas ao jovem Professor, sempre respondidas pacientemente. Roberto ministrava a mim e ao caríssimo colega Coelho, verdadeiras lições de como fazer antropologia.

Na escola da aldeia Mariuaçu, utilizava os móveis rústicos para registrar em diário minhas observações, inquietações, com a preocupação de bem realizar o meu papel de auxiliar de pesquisa, atenta ao desenvolvimento do trabalho.

Na cozinha da casa onde estava instalado o Posto Indígena, inspecionava o preparo dos alimentos, como a mandioca e o peixe assado, excepcionalmente um frango, preparava sopas de pacote o que era motivo de riso entre as índias, minhas colaboradoras, que não entendiam por que tomávamos todas as noites uma mistura de pó com água quente. Fazia perguntas sobre quais alimentos coletavam na mata, como eram realizadas as caçadas e as pescarias. Indagava como preparavam os alimentos, o que consumiam nas longas caminhadas que faziam pelas aldeias e em suas viagens de canoa pelos igarapés.

A experiência de campo, as leituras durante o curso, na Cidade do Rio de Janeiro, despertaram o gosto, dizendo melhor, uma paixão pela antropologia que começou na graduação, devido aos ensinamentos do Professor José Loureiro Fernandes, mas foi no Museu Nacional, com Roberto, durante nosso convívio que aprendi o ofício de antropóloga. A paixão pela Etnologia Indígena tem sido forte e persistente.

O seu exemplo, sua personalidade vigorosa e carismática, suas qualidades de professor exigente, rigoroso em sala de aula e na avaliação dos seus alunos, preocupado com a qualidade do ensino e da pesquisa, pioneiro na dedicação integral à Antropologia e à formação de antropólogos profissionais, deve ser seguido. Roberto Cardoso é o Professor que não se aposenta, a não ser formalmente, porque de fato está sempre produzindo, devido ao compromisso que tem com a produção científica de qualidade, em formular e reformular teorias, criar novos paradigmas, mantendo um inigualável padrão de produção científica.

A bibliografia recomendada no Curso de Especialização utilizei em minhas aulas, com algumas modificações ao ser contratada como auxiliar de ensino, na Universidade Federal do Paraná, em abril de 1963. Vários ex alunos optaram pela escolha do estudo das relações entre índios e não índios com inspiração no conceito de Fricção interétnica. Estou lembrada do estudo realizado por Maria Lígia Pires que escreveu uma monografia sobre *Guarani e Kaingang no Paraná : um estudo de relações intertribais*, na Terra Indígena Mangueirinha, PR.

Ao regressar para Curitiba, o Professor Loureiro Fernandes transferiu para mim todas as suas turmas de alunos da disciplina Antropologia Cultural e Etnologia Indígena. Tanto Professor Loureiro Fernandes, como Professor Brasil Pinheiro Machado, se empenharam para conseguir recursos no Conselho de Pesquisa da UFPR, para que realizasse minhas pesquisas entre os Kaingang. Devido a seriedade do curso que fiz com Roberto, no Museu Nacional, a Antropologia Social passou a ser a âncora do Curso de Ciências Sociais na UFPR.

Roberto tem mostrado que as atividades de ensino devem ser acompanhadas de pesquisa. Em nenhum momento, dispensou uma ou a outra. Sua produção é de altíssimo valor, porque está envolvido com a pesquisa, com a produção de livros. Em sala de aula ministra cursos e ainda orienta seus alunos. Se possível fosse escolher uma de suas inúmeras qualidades, diria que Roberto preenche integralmente, com muito talento, a condição de *Professor exemplar*.

Em 1965, iniciei minhas pesquisas de campo entre os Kaingang no interior do estado do Paraná. Com fundamento na contribuição de Roberto, trabalhei inspirada na noção de fricção interétnica para escrever minha monografia sobre os Kaingang. Minha tese de concurso para Livre Docente em Antropologia Social defendi em 1974, ocasião em que Roberto Cardoso foi convidado para participar da banca examinadora, junto com os saudosos

Profs. Newton Freire-Maia, Herley Mehl e Brasil Pinheiro Machado. Integrou a comissão o caríssimo colega Roque de Barros Laraia. Lembro de Roberto me haver cobrado em sua instigante arguição uma análise comparativa dos casos estudados em que a teoria elaborada por ele havia sido abordada. Uma vez que no prefácio do livro *Índios e Castanheiros* de Roque Laraia e Roberto Da Matta, o nosso homenageado havia escrito que iria realizar a difícil tarefa, respondi de forma marota que não tiraria dele, Roberto, o mérito de fazer a comparação dos casos investigados. Em 1977, com Roberto na banca examinadora, defendi tese de concurso para Professor titular na UFPR sobre *O índio camponês assalariado em Londrina: relações de trabalho e identidade étnica*, com fundamento no conceito de identidade étnica elaborado por ele.

Também tive a oportunidade de participar de seminários avançados sobre Identidade Étnica, na cidade do México, em CIESAS/INAH, 1979, no período em que a instituição era dirigida pelo antropólogo Guillermo Bonfil Batalla. Roberto Cardoso ministrou o curso e dirigiu seminários sobre Identidade Étnica para mexicanos, latinos de vários rincões, refugiados no México, devido ao regime autoritário e de perseguição política instalado em algumas repúblicas da América Latina. Foi muito bom estar novamente com Roberto, desfrutar da companhia agradável de sua mulher, Gilda, e sua filha Lúcia, em Tlalpan, na Cidade do México.

Considero que foi importante tomar contato com a Antropologia produzida no México, conviver com intelectuais comprometidos em fazer a crítica aos regimes autoritários e em produzir textos sobre os direitos dos povos indígenas e sobre os movimentos políticos organizados dos indígenas que ocorriam no México e por toda América Latina. Bonfil Batalla foi um antropólogo apaixonado pela Etnologia Indígena e produzia constantemente. Além de antropólogo era um artista voltado para as artes plásticas. Seus *dibujos* encantavam a todos nós.

Bonfil Batalla tinha grande admiração pelo colega e amigo. Havia outros estudiosos que eram fervorosos adeptos dos escritos de Roberto. Nina Stavenhagen, Lina Herrera, Alicia Barabas e Miguel Bartolomé. Estes saíram de seu país, devido à ditadura militar implantada na Argentina. Permanecem no México, em Oaxaca, até os dias de hoje. Integram o Instituto Nacional de Antropología e Historia. Registraram em seus trabalhos a fecundidade da

Teoria das Relações de Fricção Interétnica e o conceito de Identidade étnica formulados por Roberto.

Em seu livro, *A Crise do Indigenismo*, (1988) Roberto reúne uma série de conferências e inclui a comunicação que apresentou no Fórum sobre *Movimentos Indígenas*, durante o VIIIº Congresso Indigenista Interamericano, em Mérida Yucatan, em 1980. Faz uma análise dos movimentos indígenas e das aspirações dos diferentes povos indígenas. A exemplo de Bonfil Batalla que escreveu sobre o *Pensamento Político Indígena*, interpreta o caráter ideológico das organizações políticas indígenas. Seu precioso livro é uma contribuição importante que inspirou outros trabalhos realizados no Brasil e América Latina. Interpretou o movimento indígena considerando que “o fato mais importante que ocorreu no Brasil do ponto de vista da população indígena, foi a eclosão do movimento indígena”. Faz uma crítica ao Estado que tratava os índios como seus tutelados, refere-se “a nova realidade indígena, constituída pela presença irreversível da voz do índio em defesa de seus próprios interesses” que altera o sentido da tutela (CARDOSO DE OLIVEIRA, 1988, p. 58).

No seu entendimento, “o Estado não pode mais exercer a tutela, ignorando as aspirações indígenas, não mais implícitas na ideologia indigenista, mas agora explícitas no pensamento político indígena, manifestado por suas lideranças”.

Também escreveu que os índios ganharam espaço na sociedade civil, as representações sobre eles são verbalizadas com mais simpatia, o número de organizações não governamentais que interagem com os povos indígenas se tornou significativo dentro da sociedade brasileira. Chamou a atenção para o fato que “os líderes indígenas começavam a se mobilizar com o intuito de pressionarem a Funai e através dela, o Governo Federal, com o objetivo de alcançarem um conjunto de reivindicações, desde a demarcação das suas terras até a exigência de punição dos assassinos de índios” (CARDOSO DE OLIVEIRA, 1988).

Para Roberto, o movimento político organizado dos indígenas se fortaleceu na década de 80 e se tornou irreversível. Com a Constituição de 1988, notadamente o Cap. VIII, Dos Índios ficou estabelecido que :

são reconhecidos aos índios sua organização social, costumes, línguas, crenças e tradições, e os direitos sobre as terras que tradicionalmente

ocupam, competindo à União demarcá-las, proteger e fazer respeitar todos os seus bens.

Devido ao reconhecimento de que o Brasil é uma sociedade plural, ocorre a pluralidade étnica e cultural, as demandas indígenas devem ser atendidas, no sentido de serem identificados e demarcados os territórios tradicionalmente ocupados pelos indígenas.

No México, durante meu período pós-doutoral escrevi um projeto, em 1980, para estudar o Movimento indígena no Paraná e publiquei mais de um trabalho sobre a organização política indígena, devido às invasões frequentes das terras tradicionais dos kaingang, guarani e xetá.

As disputas de terras que tramitam na Justiça Federal em Curitiba e envolvem índios x madeireiros, índios x fazendeiros, resultaram das iniciativas dos líderes indígenas em recuperar suas terras e expulsar os intrusos. Laudos periciais antropológicos têm sido escritos por competentes antropólogos recomendados pela ABA e vários povos indígenas recuperaram antigos territórios. Elaborei três laudos antropológicos sobre os direitos históricos dos indígenas no Paraná (HELM, 1997). Ocorreram atritos, as relações entre índios e não índios, notadamente com madeireiros na Terra Indígena Mangueirinha foram marcadas pelo confronto. Os indígenas se organizaram no final da década de setenta e expulsaram os não índios de seus territórios, em 1985.

Roberto Cardoso de Oliveira presidiu a nossa Associação Brasileira de Antropologia, ABA. Realizou importante trabalho junto com a diretoria da ABA. Solicitou que coordenasse a organização da 15 Reunião Brasileira de Antropologia realizada em Curitiba, em 23 de março de 1986, com o apoio do departamento de Antropologia. Pronunciou o seu discurso “Elogio da ABA” na abertura da solenidade, sendo muito aplaudido pelo público presente no auditório da Reitoria da Universidade Federal do Paraná (CARDOSO DE OLIVEIRA, 1988).

Em trabalhos mais recentes, Roberto trabalhou com o conceito de ética discursiva. Quero me referir à importância que dá a Ética e a aproximação com a Antropologia. No trabalho de campo, o pesquisador e o grupo étnico que estuda se defrontam e emergem muitas vezes relações de tensão, conflitos que provêm do encontro de culturas distintas. Roberto destaca esse *encontro etnográfico*, como a situação em que, por parte do pesquisador, ocorrem os

atos de olhar e de ouvir que são parte do trabalho do antropólogo. A situação de diálogo interpessoal é condição essencial de o antropólogo obter material para sua pesquisa. Nessas circunstâncias, “a ética do diálogo, na interpretação de Maria Stella de Amorim, pode desempenhar importante papel na interação observador-observado, seja quanto à autonomia do grupo estudado, seja com respeito à integridade do material colhido” (AMORIM, 2001, p. 61-62).

Para Roberto, os problemas da política indigenista podem ser tomados como situações exemplares na apreciação da relevância da Ética discursiva e para a aproximação entre a Ética e a Antropologia.

As noções de *comunidade de comunicação e de argumentação* que utiliza em suas reflexões, inspirado em Apel, são importantes para “sublinhar a existência de um espaço social marcado por relações dialógicas. São relações que tanto estão presentes no diálogo interpares de uma comunidade profissional, quanto no diálogo entre membros de uma comunidade cultural qualquer (CARDOSO DE OLIVEIRA, 1990, p. 57).

Roberto Cardoso, por diversas vezes, foi convidado a participar de Congressos, Reuniões, Encontros realizados no México. Para o *Congresso Internacional de Ciências Antropológicas e Etnológicas* realizado, na Cidade do México, enviou um texto que foi lido, uma vez que por motivo de saúde não pôde comparecer. Seu trabalho com algumas modificações foi apresentado, quatro anos depois, em Oaxaca, no Encontro sobre “Autonomías Étnicas y Estados Nacionales”, coordenado pelos antropólogos Miguel Bartolomé e Alicia Barabas e publicado no México, em 1998, pelo INAH, com o título “*Etnicidad, Eticidad y Globalización*”.

Roberto Cardoso trabalha com a ética discursiva de inspiração apeliana-habermasiana. Demonstra em seu texto, que a abordagem antropológica pode ser muito fecunda ao tratar as questões de moralidade e de eticidade.

Seu livro *O Trabalho do Antropólogo*, publicado em 1998, e editado pela Unesp e Paralelo 15 é uma contribuição da maior importância, porque reúne textos sobre o conhecimento antropológico, o pensamento antropológico, estilos de antropologia, eticidade e moralidade e ensaios sobre moral e ética. É um livro que utilizo em meus cursos na UFPR, no PPGAS. Além do conteúdo em termos de conceitos, teorias que elaborou, ensina quais

devem ser os procedimentos para ser realizado o trabalho do antropólogo. É uma coletânea entre as muitas organizadas sobre a produção de Roberto que sintetiza uma parte importante de sua obra, se é possível condensar a notável produção de nosso ilustre homenageado. *O trabalho do antropólogo* é um livro que todo estudioso de Antropologia deve ler e recomendar para seus alunos. O legado de RCO para a Antropologia brasileira é imenso. Vários de seus ex alunos já registraram este fato.

O rigor teórico e metodológico da contribuição de Roberto Cardoso de Oliveira aos estudos da Antropologia brasileira tem gerado uma produção de altíssima qualidade, seja do autor, o nosso homenageado, seja daqueles Etnólogos que inspirados na sua obra produzem livros, ministram cursos, preparam e orientam alunos, para que se tornem profissionais competentes. A Jornada de Estudos que em boa hora acontece nesta Universidade se constitui, a meu ver, em um reconhecimento da influência de Roberto Cardoso na formação e consolidação da Antropologia no Brasil. É uma justa homenagem a Roberto Cardoso de Oliveira, um *Professor exemplar*, um scholar.

REFERÊNCIAS

- AMORIM, Maria Stella de. *Roberto Cardoso de Oliveira: um artífice da antropologia*, Paralelo 15 Editores, Brasília, 2001.
- CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto. *O índio e o mundo dos brancos*. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1964.
- _____. *Sobre o pensamento antropológico*. Rio de Janeiro: Edições Tempo Brasileiro, 1988.
- _____. O saber e a ética: a pesquisa científica como instrumento de conhecimento e de transformação social. *Ensaio antropológico sobre moral e ética*. Biblioteca Tempo Brasileiro. Rio de Janeiro, 1996.
- _____. *A crise do indigenismo*: Campinas: Ed. Unicamp, 1988.
- _____. Etnicidad y Globalización. In: BARTOLOMÉ, M., BARABAS, A. (Org.). *Autonomías Etnicas y Estados Nacionales*. Oaxaca, México: INAH, 1988.
- HELM, Cecília Maria Vieira. *Lauda antropológico sobre a Terra Indígena Mangueirinha*. Justiça Federal, Curitiba, 1996. 2 vls
- _____. Direitos territoriais indígenas: disputa judicial entre Kaingang, Guarani e madeireiros pela Terra Indígena Mangueirinha, PR. CONGRESSO INTERNACIONAL DE AMERICANISTAS, 49º, *Anais...* Quito, Equador, 1997.
- _____. *Movimentos indígenas: o caso paranaense*, em *Movimentos Sociais*. Curitiba: Edições Criar/UFPR, 1987.

CHRISTINA DE REZENDE RUBIM (ORG.)

CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto. Grandes projetos hidrelétricos e os povos indígenas, Kaingang e Guarani no Estado do Paraná. CONGRESSO INTERNACIONAL DE AMERICANISTAS, 48º, *Anais...* Estocolmo, Suécia, 1994.